

# A ARQUIVÍSTICA FUNCIONAL E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO DE UMA DISCIPLINA CONTEMPORÂNEA<sup>1</sup>

**Natália Bolfarini Tognoli**

Graduada em Arquivologia e Mestre em Ciência da Informação pela UNESP de Marília. Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação UNESP

E-mail nataliabtognoli@yahoo.com.br

**Resumo:** Nos últimos vinte anos, as novas formas de produção documental e as tecnologias de informação têm levado os arquivistas a repensarem seu papel na sociedade, assim como os princípios e conceitos arquivísticos promulgados no século XIX. Neste contexto, emergem, notadamente no Canadá, novas abordagens para a organização do conhecimento arquivístico contemporâneo, destacando-se, dentre elas, a Arquivística Funcional, ou Pós-Moderna. O presente artigo aborda a contribuição dessa nova corrente para a constituição de uma disciplina contemporânea, notadamente a partir dos estudos de seu precursor e disseminador, Terry Cook.

**Palavras-chave:** Arquivística funcional. Arquivística Pós-Moderna. Arquivística Contemporânea. Terry Cook.



## 1 INTRODUÇÃO

Nas últimas duas décadas, as novas tecnologias de informação, os meios de comunicação e as novas formas de produção documental levaram os profissionais da informação a repensarem conceitos e princípios arquivísticos, assim como o papel a ser desempenhado pelo arquivista neste novo contexto. O objeto da Arquivística, antes entendido como o conjunto de documentos produzidos e recebidos por uma entidade ou pessoa no decorrer de uma atividade, passa a ser compreendido como o conjunto de *informações* orgânicas, registradas em meios virtuais

---

<sup>1</sup> O presente artigo encontra fulcro, dentre outros, na dissertação de mestrado do autor, intitulada “A contribuição epistemológica canadense para a construção da Arquivística Contemporânea”, defendida em 2010, no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Unesp.

e dinâmicos.

Nesse novo cenário de reformulação e reinterpretação, e de mudança paradigmática, relativamente às perspectivas de organização do conhecimento arquivístico, uma nova corrente emergiu no Canadá inglês: a Arquivística Funcional ou Pós-moderna, cujo objetivo é defender e repensar os princípios, conceitos e métodos basilares da disciplina, para que essa possa adaptar-se e sobreviver na contemporaneidade.

A Arquivística Funcional tem como *background* a redescoberta da proveniência pelos arquivistas canadenses, quando o princípio basilar da Arquivística é, então, elevado ao status de “salvador”, e sua “redescoberta” e reinterpretação são fundamentais para a compreensão dos processos de criação e organização dos registros, e para os contextos em que esses documentos foram gerados.

Nesse contexto, o presente artigo aborda a contribuição dessa nova corrente arquivística para a constituição de uma disciplina contemporânea, capaz de dar conta de um novo contexto de produção, organização e uso da informação orgânica registrada, notadamente a partir dos estudos de seu precursor e disseminador Terry Cook.

Para tanto, são discutidos aqui os fatores essenciais à formação da disciplina na parte inglesa do Canadá, como a redescoberta da proveniência pelos arquivistas canadenses no final da década de 1980 e a constituição do conceito de macroavaliação – tópicos constantemente discutidos pelos teóricos canadenses ingleses e que têm contribuído sobremaneira para a contínua afirmação da disciplina no século XXI.

## **2 O MOMENTO DA REVOLUÇÃO CIENTÍFICA: a redescoberta da proveniência**

Em 1987, o arquivista Hugh Taylor identificou uma mudança paradigmática na Arquivística, como foi destacado por Ketelaar (2000, p. 326, tradução nossa):

Hugh Taylor proclamou e previu a mudança de paradigma. O objeto do novo paradigma da ciência

arquivística é o que Thomassen chama de “*process-bound information*”, que é a informação gerada pelos processos administrativos e estruturada por esses processos com objetivo de permitir uma recuperação contextual, com o contexto desses processos como ponto de partida.

Para Taylor, não se trata apenas de documentos gerados em meios diferentes, de uma forma mais rápida. Segundo o autor,

[...] nós ficaremos anestesiados e paralisados [...] se continuarmos pensando que tudo o que temos são bits [...] o mesmo texto e imagem se movendo mais rápido e ocupando menos espaço, onde devemos fazer alguns ajustes tecnológicos pra continuar no ramo (TAYLOR, 1987, p. 14, tradução nossa).

É preciso que os profissionais da informação estejam conscientes da emergência de um novo paradigma, ocasionada pelas mudanças sociais, tecnológicas e profissionais ocorridas nos últimos anos. Com isso, o arquivista deve repensar o papel da informação nas instituições públicas e privadas, em que a máxima “direito à informação” nunca esteve tão em alta.

Nesse contexto, para tentar compreender esse novo processo de produção e organização da informação arquivística um reexame das bases teóricas e metodológicas da disciplina se faz fundamental, encontrando fulcro nos estudos dos arquivistas canadenses, que têm se esforçado e trabalhado em direção ao que eles chamam “redescoberta da proveniência<sup>2</sup>”.

Em 1993, a *Society of American Archivists* publicou a coleção de ensaios intitulada *Canadian Archival Studies and the Rediscovery of Provenance*, em uma tentativa de solidificar a tradição arquivística canadense, reunindo artigos de diversos

---

<sup>2</sup> Vale ressaltar aqui que a Arquivologia canadense sofrera uma influência muito grande dos Estados Unidos, reforçando a tradição histórica baseada em princípios biblioteconômicos, em que o assunto era mais importante que o contexto de criação dos documentos.

autores sobre a redescoberta do princípio basilar da Arquivística, debatendo sua aliança com a História e a administração de arquivos correntes, assim como os documentos eletrônicos e o papel do arquivista nesse novo contexto.

O princípio da proveniência sempre foi entendido como um princípio físico e estático, cujo objetivo residia em proteger a integridade dos fundos, mantendo-os unidos fisicamente. No entanto, na abordagem de seu redescobrimento, mais do que manter a união dos documentos provenientes de uma mesma fonte criadora, em um fundo específico, o princípio pode ser utilizado para a análise funcional nos contextos e processos de criação dos documentos.

[...] as funções e atividades que os documentos incorporam, os processos e os procedimentos que eles refletem, suas relações com outros tipos de documentos. A aplicação desse conhecimento ao gerenciamento de documentos por todo seu histórico de vida é visto como um meio de os arquivistas forçarem e expandirem seus papéis enquanto administradores e custodidores de documentos (MACNEIL, 1994, p. 142, tradução nossa).

Nesse sentido, e focando a análise no processo de criação dos documentos, o princípio ganha uma nova abordagem, e seu papel no arranjo e descrição é substituído pelo entendimento do “contexto evidencial que dá origem aos documentos” (NESMITH, 1982, p. 16, tradução nossa).

Nesmith irá trabalhar com o conceito de “*provenance knowledge*”, no qual a importância do conhecimento do contexto é muito mais relevante do que o conhecimento do assunto do documento. O arquivista deve focar-se mais no **porquê** e em **como** as pessoas criam os documentos, e não em seu assunto. Baseando-se nessa teoria, o autor propõe um estudo do historiador do documento (*historian of the record*), em que a história social deve desempenhar uma papel importante na construção teórica e metodológica dos estudos arquivísticos. O estudo desse contexto

pode ser oferecido pela Diplomática Contemporânea, que irá explorar a informação sobre os criadores de documentos e sobre sua administração, forma, função e características físicas.

A informação que os documentos transmitem é sempre incompleta e tendenciosa; os documentos corrompem e obscurecem talvez mais do que revelam. Para saber o porquê disso e como isso afeta seu uso na pesquisa, nós precisamos saber algo sobre o contexto histórico maior que os criou e avaliou (NESMITH, 1982, p. 16, tradução nossa).

Esse redescobrimto da proveniência leva os arquivistas a entenderem a contextualização do documento, sua função, seu criador, sua forma e seu papel na instituição que o criou.

[...] ao focar-se na “proveniência, respeito aos fundos, contexto, evolução, inter-relações, ordem” dos documentos, que está, tradicionalmente no centro da nossa profissão e discurso teórico, os arquivistas poderiam mover-se do “paradigma da informação” para o “paradigma do conhecimento” (COOK, 1997, p. 36, tradução nossa).

O princípio deixa, então, de ser estático e passa a ser um princípio dinâmico e funcional, que condiz muito mais com a realidade organizacional em que a estabilidade estrutural desapareceu, e podendo ser utilizado com muito mais valor na era dos documentos eletrônicos, com a dinamicidade caracterizando os processos de criação dos registros.

A redescoberta do princípio da proveniência coloca os arquivistas novamente em contato com a informação contextualizada, transformando o solo canadense em terra fértil para as publicações acerca dos princípios arquivísticos e de suas reinterpretções para uma manutenção da disciplina em um novo contexto de criação de registros.

### **3 A ARQUIVÍSTICA PÓS-MODERNA: o papel de Terry Cook**

Nesse contexto de reformulações e reinterpretações conceituais e disciplinares, o nome de Terry Cook aponta no horizonte arquivístico canadense como uma tentativa de fortalecer a disciplina e integrá-la às novas demandas de produção documental.

Cook defende a ideia de uma mudança de paradigma na área que deve englobar, agora, o contexto sociocultural e ideológico de criação do documento, que não deve mais ser entendido como um objeto estático, e sim como um agente ativo na formação da memória humana e organizacional.

O autor defende, ainda, o pós-modernismo como a tendência intelectual dominante dessa era, e por essa razão uma influência direta a todas as ciências e disciplinas, entre elas a Arquivística, indo de encontro às concepções que moldaram as características documentais no século XX, como a neutralidade e a imparcialidade, e que permanecem hoje em dia como uma releitura dos postulados jenkinsonianos em obras de autores considerados “modernos”, como Luciana Duranti.

Na Arquivística Contemporânea, os princípios e conceitos são repensados, assim como na sociedade em geral. Para Cook (2001b, p. 23), “os valores nos quais a sociedade se apoiou, os grandes mitos da civilização ocidental, as metanarrativas mantidas durante décadas ou séculos, não têm mais credibilidade”. No século XXI, é necessário repensar esses princípios e conceitos enunciados.

Assim, uma vez que a sociedade vive hoje em um mundo pós-moderno, todo o pensamento arquivístico deve também sofrer influências pós-modernas, começando pela concepção de documento arquivístico, até então defendido pelos arquivistas modernos como um mero subproduto de uma atividade administrativa, inocente, neutro e imparcial.

O pós-modernismo desconfia e se rebela contra o

moderno. As noções de verdade universal ou conhecimento objetivo baseados em princípios do racionalismo científico do Iluminismo ou emprego do método científico ou crítica textual clássica são dispensados como quimeras. Usando análise lógica sem remorsos, os pós-modernistas revelam o ilógico de textos alegadamente racionais. O contexto por trás do texto, as relações de poder que moldam a herança documental, e de fato, a estrutura do documento, sistema residente de informação e convenções narrativas são mais importantes do que o objeto e seu conteúdo. *Nada é neutro. Nada é imparcial. Nada é objetivo.* Tudo é moldado, apresentado, representado, reapresentado, simbolizado, significado, assinado, construído (COOK, 2001a, p. 07, grifo nosso).

Essa preocupação em conceituar o documento arquivístico pós-moderno – registro gerado eletronicamente –, identificar sua natureza e seu contexto é uma forte característica do pensamento arquivístico funcional, que passa a entendê-lo como uma entidade construída e mantida socialmente.

Em particular, há uma pesquisa minuciosa sobre como os documentos são vistos na sua criação, durante a fase corrente e finalmente durante sua manutenção dentro de um arquivo. Como tal, há uma chamada para o entendimento sobre os “fatores social e cultural, os padrões e valores, a ideologia, que influenciam na criação dos documentos” (TRACE, 2002, p. 140, tradução nossa).

Se na pós-modernidade tudo é moldado segundo algum propósito, com os documentos não seria diferente. Para a corrente pós-moderna, seria impossível um documento ser gerado sem que houvesse intenções de poder e manipulação por trás dele. O discurso e a forma do documento são minuciosamente elaborados, de forma a construir as relações de poder entre o dominador e o dominado.

Para os autores pós-modernos, o documento é visto como uma forma de poder e de manipulação, e, por essa razão, fruto de tantos artigos sobre o assunto. Cook e Schwartz (2002) atentam para o crescente número de autores cujos focos de análise recaem sobre o papel dos documentos e, conseqüentemente, do arquivo e do arquivista na sociedade pós-moderna.

Os documentos são moldados, símbolos construídos por um autor para alguma finalidade. Nenhum texto é um produto inocente de uma ação. Para Terry Cook (2001b, p. 25, tradução nossa), muitas vezes essa construção se dá em padrões inconscientes de comportamento social, convenções de linguagem, processos de organização e modelos de informação que ligam à natureza construída, que está escondida.

Essa inconsciência leva a Arquivística e os profissionais de arquivo a denominarem esse processo de criação dos documentos como algo neutro e imparcial, quando na realidade não o é.

A concepção pós-moderna procura, portanto, “desnaturalizar” o que a sociedade assume como natural, aquilo que foi durante anos aceito como normal, natural e racional. Tudo é socialmente e culturalmente construído. Para os pós-modernos, desconstruir e reformular é a melhor maneira de refletir a diversidade da época contemporânea.

E é exatamente nesse contexto de reinterpretações, desconstruções e reformulações que está inserida a Arquivística Pós-Moderna, ou Arquivística Funcional, enunciada e caracterizada por Cook

[...] a partir do foco no contexto por trás do conteúdo; nas relações de poder que moldam a herança documental; na estrutura do documento, seus sistemas de informação residentes e subseqüentes, e convenções narrativas e de processo como sendo mais importante do que seu conteúdo informacional (COOK, 2001b, p. 25, tradução nossa).

O foco no contexto do documento é dado por meio do estudo da proveniência, já enunciado aqui. A abordagem pós-moderna é fruto desta “redescoberta”, e trabalha no sentido de



reconhecer as relações existentes entre os criadores de documentos, as funções desempenhadas por eles e refletidas nos registros, assim como as convenções narrativas empregadas nesse processo que, de algum modo, irão refletir na herança documental.

Nesse sentido, a abordagem pós-moderna apoia-se na análise funcional do processo de criação dos documentos – daí o nome Arquivística Funcional – que, segundo Ketelaar (2000, p. 327, tradução nossa), substitui a arquivística descritiva, uma vez que somente por meio da interpretação funcional do contexto de criação dos documentos pode entender-se a integridade dos fundos e as funções dos documentos de arquivo em seu contexto original.

A análise desse contexto é feita a partir da análise dos criadores de documentos, de cima para baixo, do todo para a peça (*top-down approach*), visando a permitir ao arquivista um melhor entendimento da função, do processo e da atividade que gerou o documento.

É necessário que a disciplina considere o contexto social, organizacional e funcional de criação e manutenção dos registros. Com isso, o foco passa a ser externo e não mais interno. O que se deve levar em conta é o contexto e o processo do documento. Uma visão macro, e não micro e limitada, segundo os teóricos pós-modernos da área.

Portanto, o foco no objeto de estudo da disciplina deve ser deslocado do registro documental para o processo de criação desse registro, que, por sua vez, não deve mais ser estático e imutável.

Assim como o foco de estudo da disciplina deve ser deslocado do registro para o processo, do estático para o dinâmico, é necessário que se entenda a Arquivística como uma ciência dinâmica, capaz de mudar e adaptar-se às mais diversas realidades documentais, independente de suporte, meios, valores e épocas.

A partir dessa reflexão, Oddo Bucci conclui que a Arquivística não é imutável, e muito menos universal. Segundo

ele (2000, apud COOK, 2001b, p. 13, tradução nossa), “as inovações radicais na prática arquivística têm se tornado incrivelmente incompatíveis com a continuação da doutrina, que procura manter-se fechada no interior dos baluartes de seus princípios tradicionais”.

A disciplina está em constante evolução, assim como seus conceitos e princípios, que também estão longe de serem verdades universais. Todos são mutáveis e dinâmicos, “à medida que refletem as mudanças na natureza dos documentos, as organizações que criam os documentos, os sistemas de manutenção dos documentos, os usos dos documentos, e as tendências culturais, legais, tecnológicas, sociais, e filosóficas da sociedade” (COOK, 2001b, p. 29, tradução nossa).

É necessário, portanto, que a Arquivística e os arquivistas incorporem as ideias pós-modernas, como uma nova forma de olhar a disciplina e entender os novos contextos de produção documental. Essas percepções pós-modernas devem, portanto, segundo Cook, desafiar os arquivistas e estimulá-los. Discussões abertas permitem que eles saiam de conchas fechadas e de um pensamento moderno e positivista.

#### **4 NOVAS FORMULAÇÕES PARA OS CONCEITOS E PRINCÍPIOS ARQUIVÍSTICOS**

O pós-modernismo, por meio da desconstrução, fragmenta a antiga estrutura moderna, permitindo à disciplina uma maior abertura nas suas perspectivas em direção a um novo mundo. Nesse cenário de reinterpretação, Terry Cook propõe algumas reformulações ou “novas formulações” para os conceitos e princípios mais importantes da área, visando a mudar o foco da disciplina – do registro para o processo ou função que o gerou.

Entre os princípios e conceitos reformulados por Cook, destaca-se aqui, novamente, o *Princípio da Proveniência*, cujas características são agora a virtualidade e elasticidade, e que irá refletir as funções e processos que levaram o criador a gerar um documento, em uma instituição ou organização dinâmica, que está

em constante evolução, com pessoas e culturas diferentes, com abordagens e convenções distintas. Para a abordagem pós-moderna, a proveniência é agora virtual e está ligada à função e à atividade geradora.

O *princípio da ordem original* também é discutido. Seu foco muda, e manter os documentos físicos na mesma ordem em que foram produzidos, com o mesmo sistema de classificação, não é mais possível. Devem-se levar em conta os softwares e a intervenção desses na produção dos documentos, e como eles são armazenados sem um meio físico. Segundo Cook (2001a, p. 21, tradução nossa), “os documentos são combinados intelectualmente e funcionalmente, de formas diferentes, para objetivos diferentes, em lugares e horas diferentes, em vários tipos, por pessoas diferentes”. A ordem irá refletir os múltiplos usos, e não o arranjo físico. Um documento pode ser ordenado de várias maneiras, refletindo diferentes usos, para casos diversos.

Nesse contexto, o conceito de documento (*record*) é também reformulado, e esse passa a ser dinâmico e não mais estático, e seus componentes – estrutura, conteúdo e contexto – não estão mais fixados em um meio unicamente físico, pois são armazenados em forma de dados e por softwares diferentes.

Assim, o documento deixa de ser um objeto físico para se tornar um *dado conceitual*, controlado por metadados que virtualmente combinam conteúdo, contexto e estrutura, para fornecer evidência da atividade ou função do criador. Além disso, como o conteúdo e uso do documento mudam ao longo do tempo (incluindo o uso arquivístico), os metadados mudam, e o documento e seu contexto são continuamente renovados (...) o documento não é mais um objeto passivo, um ‘registro’ de evidência, mas um agente ativo desempenhando um constante papel nas vidas dos indivíduos, organizações e sociedade (COOK, 2001a, p. 22, tradução nossa, grifo nosso).

Os *fundos arquivísticos*, por sua vez, refletirão essa nova visão documental, pois deixam de ser concebidos como o reflexo

de uma ordem física, e passam a refletir uma relação de realidade virtual baseada no processo dinâmico de criação dos documentos e em seus autores, e cujo foco recai na função e na atividade que contextualizam os documentos.

O *arranjo e descrição* dos documentos, como consequência, devem se concentrar menos nas entidades físicas documentais, uma vez que, em meio eletrônico, isso nada quer dizer. É necessário que seja desenvolvido um entendimento contextual das múltiplas relações e inter-relações do documento com seu universo de criação. É preciso descrever o processo de criação e manutenção dos documentos, e entendê-los além dos fundos, ou seja, entender quem os produz, para que foi produzido, em que contexto e quais foram os processos desempenhados nessa atividade.

A descrição pós-moderna refletiria as pesquisas contextuais sustentadas pelos arquivistas na história dos documentos e de seus criadores, e produziria descrições em constante-mudança, uma vez que a criação dos documentos e a própria história custodial nunca termina. A descrição é continuamente reinventada, reconstruída, renascida. A descrição pós-moderna, focando-se dessa maneira na história do documento, refletiria uma maior nuance no contexto, o que abriria uma riqueza de conteúdo informacional (COOK, 2001b, p. 34, tradução nossa).

A *preservação* dos documentos também muda. Além de reparar, conservar e manter salvo o documento em meio físico, ela irá garantir também a migração de conceitos e inter-relações que agora definem os registros e fundos virtuais.

Na pós-modernidade, o *arquivo* deixa de ser simplesmente o lugar onde estão alocados os documentos antigos utilizados pelos pesquisadores em suas consultas, para ser tornar dinâmico, um “arquivo sem paredes” como enuncia Cook, existente na Internet, facilitando o acesso público a vários sistemas de *record-keeping*, tanto de documentos permanentes como de documentos correntes.

Além dos sete conceitos e princípios reformulados, Cook

propõe, ainda, a reformulação do conceito de avaliação, agora, macroavaliação<sup>3</sup>.

Considerando o contexto mais importante que o conteúdo do documento, Cook propõe uma avaliação maior (*macroappraisal*), em direção às funções e atividades dos criadores dos documentos, e como os cidadãos interagem com eles.

A macroavaliação é o jeito canadense de fazer avaliação [...] ela avalia o valor social do contexto funcional-estrutural e da cultura do local de trabalho no qual os documentos são criados e utilizados por seus criadores, e a inter-relação dos cidadãos, grupos, organizações – “o público” – com esse contexto funcional-estrutural (COOK, 2005, p. 101, tradução nossa).

Portanto, a seleção documental deve estar baseada nos documentos que irão refletir essas interações e essas funções e atividades.

A proposta de Cook vai ao encontro novamente da “redescoberta” da proveniência e das ideias pós-modernas, em que os documentos devem ser selecionados e avaliados com base na narratividade contextual de criação, ao invés do conteúdo, englobando tanto os documentos que representam a voz dos poderosos como os que representam a voz dos marginalizados.

Influenciado diretamente pelas ideias de David Bearman (1986) – com suas concepções acerca do poder do princípio da proveniência e da importância de estudar o contexto muito mais do que o conteúdo –, pela história do documento de Tom Nesmith (1982), e pela historiografia social de Hugh Taylor (1988), Cook ignora as concepções e o paradigma Schellenberguiano de avaliação, indo de encontro ao estabelecimento de um valor

---

<sup>3</sup> A *macroavaliação* foi desenvolvida por Terry Cook entre 1989 e 1990, e o termo *macroappraisal* foi primeiramente proposto pelo autor no texto *Mind over Matter: Towards a new Theory of Archival Appraisal*, publicado em 1992, em uma coleção de ensaios.

histórico do documento baseado no conteúdo do assunto.

Por meio do movimento *Mind over Matter*, Cook anuncia uma mudança do paradigma da informação – conteúdo informacional do documento e assunto – para o paradigma do conhecimento – contexto de criação.

Nesse sentido, a aplicação da macroavaliação garantirá que mais de uma história seja contada, uma vez que os pós-modernistas acreditam que não exista apenas uma única narrativa na série documental, mas sim muitas histórias, que servirão para públicos diferentes, em momentos e lugares diferentes.

Dessa forma, o significado do documento é relativo, pois existem muitos outros textos dentro daquele texto, e cabe ao arquivista moldar o sentido do documento. A macroavaliação é uma ferramenta importante nesse sentido, na medida em que permite ao arquivista contar outras histórias, além daquela explícita no documento, por meio da história de seus criadores e de como e por que esse documento foi gerado.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O “redescobrimto” da proveniência pelos arquivistas canadenses gerou uma excitação intelectual entre os autores da área e deu origem às novas abordagens, entre elas a Arquivística Funcional, apresentada neste artigo.

Buscando um entendimento maior do contexto de criação dos documentos, como fundamento para uma disciplina mais dinâmica e contemporânea, a Arquivística Funcional prima pelo contexto funcional e social do documento, dando ênfase na proveniência e na dinamicidade do registro arquivístico, enquanto um objeto virtual, construído a partir de uma intenção, e cujo foco recairá sobre o processo de criação desses registros.

Quando Taylor anuncia a ruptura paradigmática, os arquivistas canadenses abrem espaço para as discussões mais profundas, até mesmo consideradas “fechadas” da área, pois, até então, o princípio da proveniência continuava intocável, assim como as características de um documento de arquivo.

Na defesa de uma “reinvenção” disciplinar, nomes fortes da área, como David Bearman, Tom Nesmith e Hugh Taylor, serviram de inspiração para a enunciação da Arquivística Pós-Moderna por Terry Cook, que aprofunda as discussões a partir de estudos baseados na Pós-Modernidade.

Felizmente, as ideias de Cook não estão limitadas ao contexto canadense, e podem ser aplicadas em realidades distintas, em países diferentes, como tem acontecido na Austrália e Nova Zelândia, onde os estudos do autor são refletidos em projetos de gestão e preservação documental em arquivos institucionais.

Desse modo, destaca-se, ainda, a importância da divulgação dos trabalhos e das ideias da Arquivística Funcional e, conseqüentemente, de Terry Cook no Brasil, onde a tradição arquivística europeia ainda predomina muito, dificultando uma visão mais ativa e social do papel da Arquivística na sociedade.

É importante ressaltar que as ideias defendidas pela Arquivística Funcional propõem uma ruptura salutar na área, contribuindo para um aprofundamento das questões epistemológicas da Arquivística, por meio da reinterpretação e renovação de conceitos e princípios básicos enunciados nos séculos passados. Entender as razões pelas quais um documento é criado, quem o produziu e qual sua intenção, assim como seu ciclo vital – do momento em que nasce até quando é eliminado ou recolhido, quem o recolhe e por que –, são fatores essenciais para que os documentos possam ser contextualizados na sociedade que os produz e os utiliza.

“Processo ao invés de produto, tornar-se ao invés de ser, dinâmico ao invés de estático, contexto ao invés de texto, refletir tempo e lugar, ao invés de verdades absolutas” (COOK, 2001a, p. 24). Esse é o lema sob o qual estão fundamentadas todas as concepções e reformulações propostas pela Arquivística Pós-Moderna, e que deve ser adotado pela Arquivística contemporânea, de modo que ela possa ser capaz de lidar com as mais diversas realidades apresentadas ao arquivista do século XXI.

## REFERÊNCIAS

COOK, T. Archival science and postmodernism: new formulations for old concepts. **Archival Science: International Journal on Recorded Information**, v. 1, n. 1, p 3-24, 2001a.

COOK, T. Fashionable Nonsense or Professional Rebirth: Postmodernism and Practices of Archives. **Archivaria**, v. 51, p. 14-35, Spring, 2001b,

COOK, T. Macroappraisal in Theory and Practice: origins, characteristics, and implementation in Canada, 1950-2000. **Archival Science**, v. 5, p. 101-161, 2005.

COOK, T. Mind over matter: towards a new theory of archival appraisal. In: CRAIG, Barbara (ed). **The Archival Imagination: Essays in Honor of Hugh A. Taylor**. Ottawa, 1992, p. 38-70.

COOK, T. What is Past is Prologue: a History of Archival Ideas since 1898, and the future paradigm shift. **Archivaria**, v. 43, (Spring), 1997, p. 18-63.

COOK, T.; SCHWARTZ, Joan M. Archives, Records, and Power: From (Postmodern) Theory to (Archival) Performance. **Archival Science: International Journal on Recorded Information**, n. 2, p. 171-185, 2002

KETELAAR, E. Archivistic research saving the profession. **American Archivist**. v. 63, n.2, p. 322-340, Fall, 2000.

MACNEIL, H. Archival Studies in the Canadian Grain: The search for a Canadian Archival Tradition. **Archivaria**, n. 37, p. 134-149, 1994.

NESMITH, T. Archives from de bottom up. **Archivaria**, n. 14, p. 05-26, Summer, 1982,

TAYLOR, H. Transformation in the Archives: Technological Adjustment or Paradigm Shift? **Archivaria**, v. 25, p. 12-28. Winter, 1987-1988,

TRACE, C. What is recorded is never simply ‘what happened’: record keeping in modern organizational culture. **Archival Science International Journal on Recorded Information**, v. 2, p. 137-159, 2002.



**ARCHIVE A FUNCTIONAL AND ITS CONTRIBUTION TO THE DEVELOPMENT OF A CONTEMPORARY DISCIPLINE**

**Abstract:** *In the last twenty years, new forms of document production and information technologies, have led archivists to rethink their role in society, as well as archival principles and concepts promulgated in the nineteenth century. In this context, emerge, notably in Canada, new approaches to knowledge organization archival contemporary, emphasizing, among them, Archival Functional or Postmodern. This article discusses the contribution of this new chain to form a contemporary discipline, especially from studies of its precursor and disseminator, Terry Cook.*

**Key-words:** *Archival functional. Postmodern Archivist. Contemporary Archives. Terry Cook.*

*Originals recebidos em: 20/10/2011*

*Aceito para publicação em: 08/12/2011*

*Publicado em: 27/08/2012*